

## LINGUAGEM, CONDICIONAMENTO SOCIAL E PROCESSOS COGNITIVOS

ARABELA CAMPOS OLIVEN  
Faculdade de Educação, UFRGS

### RESUMO

*Análise da relação entre linguagem e processos cognitivos bem como dos condicionamentos sociais que interferem nesta relação. Abordagem do tema tanto em nível inter-lingüístico (aspectos formais das gramáticas de diferentes conjuntos de línguas faladas) como em nível intra-lingüístico (diferentes códigos lingüísticos pertencentes a uma mesma língua). Exame do papel da escola como agente ressocializador para alunos que usam predominantemente um código lingüístico restrito.*

O propósito deste ensaio é relacionar alguns estudos no campo da lingüística, de maneira a esclarecer a relação mútua entre linguagem e processos cognitivos e os possíveis condicionamentos sociais que interferem nesta relação.

Por longo tempo, o conceito comum de linguagem era o de um "meio transparente" para a expressão do pensamento. Edward Sapir (1962) foi um dos primeiros a salientar a variedade de mundos existentes, conforme as diferentes estruturas lingüísticas, que servem de instrumento aos indivíduos, ao aprenderem a realidade: "O mundo real é até uma larga extensão inconscientemente construído sobre os hábitos de linguagem de um grupo".

As diferenças de vocabulário entre as várias linguagens não só espelham diferentes meios físicos e geográficos, como também a complexidade de diferentes sistemas sociais. A linguagem muda com o tempo e com as sucessivas gerações. Isto não a impede de exercer influência no pensamento e desenvolvimento do indivíduo. O estudo isolado da linguagem não seria suficiente para demonstrar o tipo de pensamento da população que faz uso da mesma. No entanto, certas características de um certo tipo de linguagem, tornam mais provável uma percepção particular (Henle, 1959).

Whorf (1971) comenta a rigidez de certas linguagens e sub-linguagens de enfoque mais técnico, no sentido de resistirem a pontos de vista divergentes ou modelos de pensamento baseados em diferentes estruturas lingüísticas. Esta

*atitude é acentuada na medida em que o uso da linguagem é reconhecido como um fenômeno universal, que não varia, intrinsecamente, de grupo para grupo. Isto favorece uma separação artificial das ciências particulares, trazendo aspectos negativos ao desenvolvimento geral do conhecimento humano.*

*Fishman (1960) procura fazer uma divisão analítica da hipótese de Whorf. Num nível menos complexo estariam aqueles aspectos léxicos e semânticos que variam de uma linguagem para outra.*

*As implicações seriam:*

- *A dificuldade de tradução de uma língua para outra e que espelham as diferenças culturais.*
- *As diferenças em codificação de uma linguagem para outra, terem influência sobre o indivíduo, quanto ao reconhecimento e memória de certos aspectos particulares da realidade.*

*Num nível mais complexo estariam os aspectos formais e sistemáticos das gramáticas de cada estrutura lingüística. Citando Whorf (1971): "a gramática de cada língua não é somente um instrumento reprodutor para expressar idéias; ela é em si um modelador de idéias, o programa e o guia da atividade mental do indivíduo, para sua análise de impressões, para a síntese de seus conteúdos mentais. A formulação de idéias não é um processo independente, estritamente racional no antigo sentido, mas é parte de uma gramática particular e difere leve ou grandemente de uma gramática para outra".*

*Fishman, ao concluir seu artigo sobre a hipótese de Whorf, comenta que não existe da parte de Whorf uma intenção deliberada, em esclarecer qual dos dois fatores é precedente: se a linguagem ou os processos cognitivos. Pode-se dizer que Whorf (1971) dá primazia aos modelos de linguagem, sem contudo lhes dar a precedência: "Uma mudança na linguagem pode transformar a apreciação do cosmo". No caso de separar as duas realidades para análise, afirma ser a linguagem mais imperiosa, sistemática e rígida.*

#### Estudos intra-lingüísticos

*Na Inglaterra várias pesquisas de caráter intra-lingüístico têm sido levadas a efeito, principalmente comparando crianças das camadas operárias com as da classe média.*

*Basil Bernstein (1958) afirma que "predisposições para formar relações com objetos de uma maneira particular é importante fator perceptual e talvez distinto da habilidade cognitiva". Ele procura, portanto, enfatizar os determinantes sociológicos da percepção através do estudo de diferentes subculturas: "... membros de estratos semi ou não qualificados, em relação às classes médias, não meramente colocam significados distintos em diferentes classes de objetos, mas sua percepção é de uma ordem qualitativamente diferente".*

A criança da classe média inglesa seria possuidora de uma atitude instrumental quanto às relações sociais e os objetos. Ela cresce numa estrutura racionalmente ordenada, seus sentimentos devem ser expressos através de formas gramaticais. Sua linguagem é rica e impessoal, suas qualificações individuais implicam um conjunto de operações de lógica. A sensibilidade infantil é aguçada, principalmente, para as formas complexas de linguagem. Este tipo de linguagem "formal" facilita-lhe a percepção de relações mais complexas entre os objetos.

De outro lado, a criança de origem operária tenderia a tornar-se mais sensível à qualidade e a força dos sentimentos, através dos meios de expressão não verbais. Suas qualificações pessoais seriam feitas através destes meios. Este tipo de linguagem "pública" tem grandes implicações na forma de estruturar a experiência desenvolvida pela criança.

Lawton (1968) salienta que esta distinção feita entre os dois tipos de linguagem não é simplesmente expressa em termos de tamanho ou tipo de vocabulário, mas sim, através da sensibilidade e modo de organizar e responder à experiência. Assim, a linguagem "pública" tende a enfatizar "coisas" enquanto a linguagem "formal" enfatiza "processos".

O enfoque dado por Bernstein (1958, 1965) aos seus estudos é de natureza sócio-lingüística. Para ele, toda a linguagem falada traduz um complexo critério de significância e relevância. Ele reafirma a posição de Whorf e Sapir quando se refere: "A experiência da pessoa que fala pode ser transformada pelo que é tornado significativo e relevante pelos diferentes sistemas lingüísticos". No entanto, ele crê que diferentes formas de relação social podem gerar diferentes códigos lingüísticos: "Este é um argumento sociológico por que o sistema lingüístico é tomado como consequência da forma de relacionamento social, colocando em termos mais gerais, é uma qualidade da estrutura social" (1965).

Assim, quando a criança aprende a falar ela aprende os requisitos da estrutura social: "A estrutura social se torna um substrato da sua experiência, essencialmente através do processo lingüístico". (Bernstein, 1965). A conversação agiria de maneira a salientar a estrutura social da qual a criança faz parte, reforçando sua identidade social.

O autor citado define dois tipos de códigos usados pela subculturas: a) Elaborado: Oferece um grande número de alternativas. A possibilidade de prever os elementos organizacionais é reduzida. É particularista com respeito aos seus modelos: apenas algumas pessoas terão acesso à sua sintaxe e ao seu significado de caráter universal.

b) Restrito: o número de alternativas é bastante limitado, aumentando, desta forma, a possibilidade de predição. É universalista em relação aos seus modelos. Todas as pessoas tem acesso à sua sintaxe e ao seu significado. O uso do código elaborado estaria mais relacionado com o acesso a posições sociais especializadas, do que ao potencial psicológico da criança.

## Sistema Educacional

*A escola expressa os valores da classe dominante. Ela utiliza, portanto, um código elaborado - linguagem falada pelos grupos que tem acesso às posições sociais mais elevadas.*

*A criança da classe média é capaz de distinguir e responder aos dois códigos; enquanto a criança da classe operária, no seu convívio familiar, tem, em geral, acesso apenas a um deles, o restrito.*

*Uma criança sem prévia orientação para um código elaborado, terá de traduzir a linguagem formal da escola, a fim de que esta adquira algum significado. Se a aprendizagem se der de maneira mecânica, traduzida num mero acréscimo de vocabulário, as novas palavras, vazias de significado social, serão imediatamente esquecidas uma vez que a criança abandone a escola.*

*Whorf (1971), comentando sobre este mesmo problema apresenta o exemplo de um elemento de uma tribo primitiva que embora experiente dentro de seu grupo, jamais tivesse ouvido falar sobre as descobertas científicas atuais. Para ele um termo como "lei da gravidade" não teria a menor significação. Ele continuaria fiel às suas crenças primitivas, pois "... elas são totalmente adequadas como um sistema de comunicação com seus companheiros. Isto é, elas são adequadas lingüisticamente para as suas necessidades sociais, e permanecerão assim até que um grupo adicional de necessidades é sentido e elaborado na linguagem.*

*Para que a aprendizagem de uma criança, que praticamente só tenha acesso a um código lingüístico restrito, se dê em termos efetivos, todo o seu sistema básico de percepção deve ser alterado. Posto em outros termos, seria uma ressocialização.*

*Os estudos de Lawton (1968) apresentam uma perspectiva mais otimista. Ele confirma os dados de Bernstein quanto à predominância do uso de um código restrito entre as crianças de classes trabalhadoras com base em dados levantados em discussão do grupo. Variando o contexto, isto é, utilizando para análise os dados levantados em entrevista, os resultados são diferentes: "Numa situação em que crianças de classe operária são estimuladas através de um entrevistador experiente a responder e são encorajadas a seguir respondendo, elas farão de fato alguns ajustamentos lingüísticos. Isto sugeriria que elas tem potencial disponível para sentenças de código do tipo elaborado mas lhes falta prática e facilidade" (Lawton, 1968).*

*Havendo a alternativa de usar o código restrito, e na falta de um estímulo externo que favoreça e possibilite a expressão de um código mais elaborado, o potencial lingüístico das camadas populacionais menos favorecidas não é desenvolvido. Isto limita a percepção e sensibilidade das mesmas, acarretando uma grande perda, não só em termos pessoais como sociais, quanto ao aproveitamento de capacidades.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERNSTEIN, Basil. *A socio-linguistic approach to social learning*. In: GOULD, J., ed. *Penguin survey of the social sciences*. London, Penguin, 1965.
2. \_\_\_\_\_. *Some sociological determinants of perception*. *British Journal of Sociology*, 9:159-74, 1958.
3. FISHMAN, J. A. *A systematization of the Whorfian hypothesis*. *Behavioral Science*, 5:323-39, 1960.
4. HENLE, B. L. *Language, thought and culture*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1959.
5. LAWTON, D. *Social class, language and education*. London, Routledge & Kegan Paul, 1968.
6. SAPIR, Edward. *El lenguaje*. 2. ed. México, Fondo de Cultura Económica, 1962.
7. WHORF, Benjamin Lee. *Lenguaje, pensamiento y realidad*. Barcelona, Barral Editores, 1971.

#### ABSTRACT

*Analysis of the inter-relation between language and cognitive processes as well as the social conditionings which interfere with this relationship. The theme is viewed from an inter-linguistic approach (formal aspects of the grammar of different sets of spoken languages) as well as from an intra-linguistic approach (different codes referring to the same language). The role of the school as a resocializing agent for pupils who use predominantly a restricted code is discussed.*

*(Recebido para publicação em 9.11.79)*